



Blogs, Flogs, Orkut: mediações digitais de pertencimento comunitário¹

Ana Lattanzi²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Programa de Pós-graduação em Comunicação.

Introdução: uma digressão histórica necessária

*“Era esta uma das artérias principais da cidade e regurgitava de gente durante o dia todo (...) o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma emoção deliciosamente inédita”
(Edgar Allan Poe).*

A cidade moderna – pós-Revolução Francesa, 1789 – é construída a partir de um pensamento baseado no Iluminismo, no qual todos os projetos de re-ordenação urbana começam a ser pautados pelo espírito da racionalidade. A cidade é concebida como espaço intelectual e cosmopolita, território materializado das ações sociais inovadoras, palco da transformação capitalista do mundo e do estabelecimento de uma nova ordem sócio-cultural. De acordo com Georg Simmel³, as cidades são os *lugares*⁴ da manifestação da modernidade. Dessa forma, as cidades deveriam ser redesenhadas a fim de favorecer a articulação dos modos de viver dos seus legitimados cidadãos modernos. Os projetos modernos arquitetônicos e urbanísticos, portanto, intentavam aliar a razão técnica e a erudição intelectual, que aplicadas às reformas urbanas promovidas, reproduziriam o ideal das metrópoles modernas. A reboque, as transformações das cidades proporcionariam o movimento, a liberdade e o progresso aos seus habitantes.

¹ Trabalho apresentado no I Coneco Rio, GT04, Experiências Urbanas, Comunicação e Sociabilidade.

² Mestranda do PPGCom – UERJ. Bolsista Faperj. Pesquisadora do Grupo *Comunicação, Arte e Cidade – CAC*, CNPq. E-mail analattanzi@yahoo.com.br.

³ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002. Pg: 158.

⁴ Grifamos a palavra para indicar que o conceito alude a uma especificidade e nos guiamos pela categoria definida pela Geografia como “*locus* do coletivo e extensão do acontecer solidário” (Santos, 2004:36). Certamente será discutido em item específico no artigo.



O *leitmotiv*⁵ que impulsionou os projetos das reformas urbanas realizadas ao final do século XIX nas grandes cidades européias é o princípio da racionalidade⁶, que intentava imprimir aos lugares “condições de usufruto por parte do homem moderno, buscando eliminar a floresta de símbolos criada pelas contradições decorrentes da liberdade humana” (Rodrigues, 1998: 65). O processo de transmutação das grandes cidades, a partir dos projetos iluministas de reforma urbana, permitirá o aparecimento de uma nova cidade que simboliza, concomitantemente, os avanços tecno-científico e intelectual da nova cultura moderna – a urbana – que ora desabrocha.

A idéia do novo aparece como reguladora das experiências do cotidiano. Em meados do século XIX é a *nouveauté* (Benjamin, 1991: 40) que opera como interlocutora e, ao mesmo tempo, como fundamento da expressão das consciências intelectuais e administrativas que regem a vida cotidiana da cidade. O ideal de progresso perpassa os campos do pensamento intelectual, da ciência e, principalmente, das concepções urbanísticas. Acreditava-se que o progresso material e tecnico-científico seria suficiente para resultar no bem-estar do indivíduo moderno, pois nas ações renovadoras implementadas seriam privilegiadas a circulação, a higiene e a estética.

⁵ *Motivo-condutor*, em alemão. Termo cunhado pelo compositor alemão Richard Wagner (1813-1883), quando se referia aos temas principais que o inspiravam em suas composições. Utilizamos o termo, pois o compositor introduziu um novo estilo de ópera que promoveu uma revolução musical em seu tempo. Da mesma forma que é o autor e contemporâneo das transformações urbanas as quais fazemos menção nessa parte introdutória do trabalho.

⁶ Caracteriza a forma capitalista da atividade econômica, a forma burguesa e burocrática de decisão, baseadas na decisão racional. Conceito introduzido nas Ciências Sociais por Max Weber. Cf. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. Coleção A Obra Prima de cada autor.



A implementação das modificações previstas pelos novos projetos urbanísticos das cidades modernas, inicialmente nas das capitais européias – laboratórios desse ideal de progresso urbano -, impingiriam marcas que redesenhariam as cidades e se tornariam matrizes para o aparecimento de unidades autônomas, como os bairros e as periferias (Rodrigues, 1998: 65). As novas e largas avenidas (*boulevares*) possibilitariam o tráfego fluir pelo centro da cidade e se mover em linha reta, de um extremo a outro, ressaltando a velocidade dos fluxos –, configurando-se em um empreendimento de proporções gigantescas e inimagináveis para época. Além disso, as habitações miseráveis seriam sumariamente eliminadas e permitiriam a abertura de "espaços livres" em meio às aglomerações e tumultos de carros que ocasionavam um congestionamento insuportável. Ao mesmo tempo que produziriam incrementos financeiros aos negócios locais e, em conseqüência, fomentariam as próximas demolições municipais, as futuras indenizações e impulsionariam as novas construções.

A política de renovação urbana impetrada nas cidades modernas instituiu novos códigos de obras e de posturas urbanas que redesenharam o universo territorial metropolitano, constituindo, portanto, novas dimensões espaciais. Essas medidas estabeleceram a diferença entre o centro das cidades e as demais áreas, favorecendo o aparecimento de áreas segregadas e, sobretudo, a segregação residencial⁷.

Na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, a reforma implementada pelo então prefeito Francisco Pereira Passos⁸ inaugura uma época de ruptura do pensamento colonial administrativo para a cidade. Para conciliar as expectativas do novo ordenamento social – conseqüência da modernidade -, seria imprescindível o redirecionamento arquitetônico do espaço urbano carioca. Aos ideais capitalistas de riqueza, de prosperidade e de aumento da produção industrial, seria necessária a adequação espacial da cidade: era emergencial a criação de uma capital cujo espaço urbano fosse a representação dos *modi vivendi* cosmopolitas modernos das elites econômicas e políticas nacionais e que aniquilasse a paisagem degradada que relembra à época de colônia e de atraso.

O projeto de reforma urbana do Rio de Janeiro foi norteado, principalmente, para recriar o espaço urbano que remetesse à idéia de cidade moderna, imprimindo no imaginário nacional a ascensão da recém-capital da República brasileira à capital

⁷ Expressão cunhada por Robert Park (1984: 9), sociólogo e pesquisador da Escola de Chicago (1915 – 1940).

⁸ Durante a administração de Rodrigues Alves (1902-1906), Francisco Pereira Passos, engenheiro e um dos responsáveis pelo plano da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro (1875), é nomeado prefeito do Distrito Federal.



cosmopolita, sem dar importância às conseqüências futuras. Nicolau Sevcenko (1983) descreve a remodelação da capital da República detalhadamente e aponta que o projeto de reforma urbana foi norteado por princípios excludentes que, dentre eles, ressaltamos:

1º: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; 2º: a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; 3º: *uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas*⁹; 4º: um cosmopolitismo agressivo profundamente identificado com a vida parisiense.

Privadas do direito à moradia no centro urbano do Rio de Janeiro, as camadas populares se estenderam aos morros e demais áreas periféricas e vazias da cidade, ocupando os espaços que seriam nomeados no imaginário urbano carioca como favelas¹⁰. Não contrapondo a *necessidade* desse “êxodo urbano”¹¹, mas, ao contrário, reiterando *essa* necessidade, observa-se também uma criatividade cultural e política que, aliadas à capacidade de resistência e de re-organização social, esses grupos mantiveram suas formas de experienciar a cidade remodelada, reinventando seus modos de viver, utilizando-se dos recursos que a eles foram legados.

Os grupos sociais não contemplados pelo moderno projeto de reforma urbana carioca, revelaram-se como “agentes modeladores”, uma vez que produziram na favela seus próprios espaços de moradia, sem a intervenção e auxílios oficiais de outros agentes (públicos, governamentais, especializados, etc.), à criação de projetos urbanos alocados à realidade espacial, bem como orientações técnicas para a construção de suas casas. A produção desses espaços se traduz em uma estratégia de sobrevivência e, principalmente, evidencia a resistência às adversidades que lhes foram impostas. Revela a criação de táticas (Certeau: 2004) pelo “direito à cidade”: a reivindicação de viverem como cidadãos. Um direito não contemplado nos projetos de reformulação urbana. (Correa, 2002: 30). Apesar dessa luta, a literatura e a mídia, a partir de então, encarregaram-se de fomentar um imaginário da favela como um lugar de carência, de falta, de marginalidade e de criminalidade¹².

⁹ Grifos nossos.

¹⁰ Expressão cunhada a partir da ocupação do Morro da Providência (por volta de 1889). A palavra aludia à vegetação homônima encontrada no morro na época da ocupação de seus moradores, muitos deles egressos da guerra de Canudos. (Cf. Valladares, 2005: 26).

¹¹ Utilizo a expressão para caracterizar o deslocamento da população pobre do centro da cidade às favelas constituídas na época da reforma urbana no início do século XX.

¹² Cf. Zaluar, Alba. (Org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. Ps 7-24.



A breve digressão histórica foi necessária para introdução do artigo, pois permite a contextualização da gênese urbanística de criação do lugar escolhido para a investigação, a comunidade da Candelária, no complexo de favelas da Mangueira.

A favela da Mangueira também tem sua história fundadora do lugar, porém, optamos por não mencioná-la, uma vez que não interferiria na discussão proposta neste artigo.¹³

O que nos interessa é evidenciar as experiências vividas pelos jovens moradores da comunidade¹⁴ da Candelária, e a relação com o espaço de habitação, seu significado e a “força do lugar”¹⁵ no cotidiano vivido, face às ordenações tecnológicas contemporâneas e à compressão tempo-espaço.

Lugar e Comunidade: duas faces da mesma idéia

“Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira (...), não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?” (Paul Claval)

O estudo das questões urbanas pode ser tratado por diversas facetas uma vez que, dado à sua amplitude, tende à transdisciplinaridade. A possibilidade de realizar a investigação pela vertente cultural é uma delas. Tomando-se a cultura como um caminho a ser desvendado, podemos compreender a sociedade em suas esferas econômicas, sociais e políticas, bem como as práticas sociais que se tornam apreensíveis em suas espacialidades e temporalidades expressas pela miríade de representações na cidade.

¹³ Para o conhecimento da história fundadora da favela da Mangueira, consultar o sítio eletrônico: <http://www.mangueira.com.br/2006/Historia.asp>.

¹⁴ O termo é utilizado pelos moradores quando se referem ao seu lugar de moradia.

¹⁵ Santos, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EdUSP, 2004.



De acordo com Geertz (1989: 36), a partir da diversidade cultural impressa nas sociedades complexas contemporâneas, uma descrição interpretativa que forneça o entendimento da(s) cultura(s), possibilita ao pesquisador o conhecimento das teias de significados tecidas por aqueles que estão no bojo dessas práticas e, assim, compreender, ou, descrever a sua lógica interna.

Para fins metodológicos de construção teórica do presente artigo, buscamos na Geografia Cultural suporte conceitual, a fim de pontuar o diálogo entre o conceito de *comunidade*, cunhado pelo sociólogo alemão Ferdinand Tönnies¹⁶ e o conceito de *lugar*; categoria relevante para a compreensão das especificidades culturais dentro da Geografia.

A pertinência do conceito de lugar a partir da Geografia Cultural preenche uma lacuna das Ciências Sociais no que tange ao enquadramento da noção proposta, a fim de localizar espacialmente as práticas culturais de determinado grupo social. Nesses termos, o reconhecimento das identidades dos lugares tem um papel imprescindível para a apreensão das especificidades dessas práticas. Por outro lado, a Geografia Cultural nos interessa por se ocupar de uma específica abordagem, que focaliza a “análise dos significados que os diversos grupos sociais atribuem, em seu processo de existência, aos objetos e ações em suas espaçotemporalidades”. (Correa, 2003: 175). A Geografia Cultural se estabelece como ponte teórica, a fim de se terem ampliadas as possibilidades dialógicas sobre o objeto de pesquisa.

O interesse na investigação e, conseqüentemente, a busca do enquadramento conceitual pela Geografia que pudesse dar conta dos elementos estruturantes observados nos dados levantados, ocorreu no primeiro contato com os moradores da comunidade da Candelária, em resposta a uma pergunta da pesquisadora feita a um morador local: “*a gente tem tudo aqui!*”.¹⁷ Logo ficou evidenciada a relevância do lugar, no caso específico, a comunidade da Candelária, para os moradores da localidade. Compreendemos, assim, que o *lugar* exerce uma influência nas identidades culturais e sociais, a partir da constatação que o lugar “participa” inteiramente da vida dos moradores da comunidade.

Outro dado relevante é que, a partir do imaginário dos moradores, observou-se que a idéia de *comunidade* remete a um lugar familiar, conhecido, de aconchego. A

¹⁶ Originalmente publicado em 1887, tendo uma segunda edição sido publicada em 1912.

¹⁷ Pergunta da pesquisadora: “*se você tivesse oportunidade de acrescentar algo – serviços públicos e/ou privados - na comunidade, o que você colocaria?*”. Entrevista realizada com o Presidente da Associação de Moradores da Favela do Metrô, em julho de 2004.



comunidade da Candelária se impõe como espaço concreto das atividades sociais, onde as relações de parentesco, de vizinhança, e principalmente as redes de solidariedade, resultantes das relações de proximidade, parecem moldar as identidades e, em certa medida, estão a ela estreitamente ligadas.

Revisitando o conceito cunhado por Tönnies, observamos uma aproximação com a representação de *comunidade* ocupada no imaginário dos moradores do lugar. As relações sociais estabelecidas pelos moradores, pelas suas famílias e pelos seus vizinhos remetem à descrição elaborada pelo sociólogo ao formular o conceito de comunidade, estruturadas a partir do “*hábito de viver em conjunto, pela lembrança das alegrias ocorridas*” (1973: 99).

Guardando-se as devidas medidas cautelares exigidas pela aplicação do conceito na contemporaneidade, ao confrontarmos a idéia de lugar proposto por teóricos da Geografia Cultural, vislumbramos uma aproximação da noção proposta pelos dois termos. Ambos se definem como cenários de práticas concernentes aos elos entre os indivíduos e os espaços ocupados, onde são tecidos pela experiência comum, pela sensação de pertencimento e de afetividade, com variações de intensidade, de expressões na paisagem do lugar e de suas sutilezas significativas decorrentes.

Yu-Fu Tuan (1983: 6) afirma que o lugar é formado por esferas variadas de valor, e só pode ser totalmente apreendido por meio das experiências vividas no local; experiência estas que englobam as relações íntimas, próprias de quem reside no espaço (*insider*). Portanto, a expectativa de pertencimento se daria em confronto com as experiências vividas no cotidiano, atribuindo carga emotiva e dotadas de valor, carregadas de memória que se relacionam ao lugar de viver.

A definição de Tuan não fica distante do conceito proposto por Tönnies para a categoria *comunidade*. Em entrevista realizada na Candelária com uma das moradoras mais idosas do lugar, constatamos que seu envolvimento afetivo perpassa ao apego à propriedade. Para dezenas de crianças que corriam ao seu redor, dona Cândida¹⁸ apontava e dizia: “*eu amamentei o pai dele; tá vendo aquela ali? Eu fui mãe de leite da mãe dela!*”.

¹⁸ Uma das moradoras mais antigas do lugar. Ela é a 2ª geração da sua família que já tem membros da 4ª geração constituindo família na comunidade da Candelária.



Podemos depreender a partir das expressões de dona Cândida, que o conceito de lugar proposto pela Geografia Cultural, está relacionado às sutilezas, aos valores, aos sentidos e às experiências íntimas dos moradores travadas no cotidiano; é, portanto, um repositório de memória construída pelos sentidos e pela subjetividade dos moradores.

Por outro lado, dando ênfase às experiências vividas, o que dá ao lugar sua especificidade é o fato de que ele é moldado a partir de relações sociais que se interpõem num *locus* particular. Lugares seriam, portanto, pontos de encontro de redes de relações sociais, de trocas simbólicas (linguagens, significados, toponímia e territorialização) e de comunicação. O que valeria dizer que o lugar, assim como a comunidade “*baseia-se num conhecimento íntimo uns dos outros, na medida em que ela é condicionada por uma participação direta de um ser na vida dos outros pela inclinação de partilhar suas alegrias e sofrimentos; ela exige essa participação ou essa inclinação*” (Tönnies, 1973: 102-103). O lugar é a espacialização concreta das práticas sociais específicas, cotidianas, que moldam as identidades e que permite estabelecer sentido à existência. Lembramos de Sartre quando propõe um dos parâmetros para o Existencialismo: “*não me é possível não ter um lugar*”¹⁹.

O lugar, portanto, evoca àqueles que dele congregam sensações de segurança, de pertencimento, de *comunidade*. A atmosfera dominada pelo cotidiano do lugar permite a construção simbólica, que, tecida pelas relações sociais realizadas no plano do vivido, constroem uma rede de significados e dão sentido à realidade dos moradores da comunidade. Ao servir de mediação da “partilha da paixão” (Maffesoli, 2006: 86), um lugar se distingue dos outros por particularidades simbólicas significativas, que são inventadas e reinventadas pelos freqüentadores do lugar. O lugar remete à idéia de uma edificação, cujos alicerces se estruturam nas relações sociais travadas no plano do vivido. Portanto funcionam como pilares de significados, de afetos, de sentido: são pontos de ancoragem da memória. Sons, aromas, paisagens íntimas, momentos de comunhão são evocados e criam a atmosfera que aflora o sentimento de pertença: são o centro de apoio, de referências social e cultural, de ação. A partir das experiências cotidianas compartilhadas no espaço, os indivíduos criam símbolos e significados que contribuem para forjar o próprio sentido de lugar. Segundo o geógrafo Milton Santos,

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas também é o teatro insubstituível das paixões humanas, responsável, através da

¹⁹ Sartre, Jean-Paul. *O ser e o nada*, 1956.



ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (Santos, 2004: 322).

A idéia de comunidade em dias contemporâneos, mas que desde Euclides da Cunha²⁰ é associada à favela carioca, paira no imaginário dos seus moradores como um lugar de aconchego, um ninho, para se viver e experienciar a existência cotidiana: *“morar lá significa uma escolha (...) os seus habitantes são ligados à sua comunidade e não desejam deixá-la (...)”*. (Valladares, 2005: 34).

O elo de ligação com o lugar não poderá prescindir, desse modo, da consciência das relações de reciprocidade e de pertencimento ao ambiente que acolhe. A “força do lugar” (Santos, 2004), impõe-se à realidade do grupo social. Os elementos estruturantes da memória que compõem as experiências dos moradores da Candelária provocam a ancoragem no lugar: observamos que, pelo seu caráter identitário e agregador, o lugar é capaz de se antepor ao processo hegemônico engendrado pela globalização. Possibilita aos atores sociais estabelecerem resistência, e segundo Santos (2004), os próprios lugares de viver assumem o papel de “espaços de resistências”. Estes, ao mesmo tempo, em que acolhem “vetores da racionalidade dominante”, transforma-os e os ressignifica.

O lugar se coloca como referente concreto que permite a cultura se materializar. Os lugares são as matrizes de trocas simbólicas que “se multiplicam, diversificam e renovam” (Santos, 2004: 319).

O cotidiano localmente vivido se impõe como grande força produtora em oposição aos “vetores imediatos” das ações externas. De acordo com Certeau,

diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como ‘consumo’, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos. (2004: 94)

Temos então que os lugares, a partir das trocas simbólicas ali realizadas, são mediações entre sistemas de objetos (elementos da ordem hegemônica) e de sistemas de ações (iniciativa dos agentes sociais locais). Santos indica que esses sistemas de ações são possíveis pela contigüidade territorial, ou seja, no *lugar*, o qual ele denomina de

²⁰ Em *Os sertões*, publicado em 1902, o autor já denunciava as experiências do viver junto em Canudos e as associava ao viver em comunidade.



espaço das *horizontalidades*. Nesses espaços contíguos, que são “alvo de freqüentes transformações”, os sistemas de objetos impostos aos seus agentes pelas forças hegemônicas globalizantes, seriam recriados a partir das próprias consciências locais.

Os elementos estruturantes dos espaços das *horizontalidades* (diríamos elementos que são recriados pela força do lugar) entrariam em “negociação” com os elementos de forças dominantes, promovendo resistência às ações vividas: “*é assim que se defrontam a Lei do mundo e a Lei do Lugar*”. (2004: 334).

Portanto, é por intermédio das formas simbólicas que o lugar é capaz de expressar-se, de promover a resistência que é necessária para a garantia das formas de existir. O lugar impetra uma energia, ou, nas palavras de Santos, uma “força identitária de preservação”, que se renova, obviamente, porém, que permite guardar a memória, a tradição as especificidades da comunidade e que dá sentido para viver.

Enfim, existe um agir simbólico, que longe de ser regulado por cálculo ou pela técnica, é compreendido por formas afetivas, emotivas, rituais, que são constantemente determinadas por tramas reais de significação e de representação. De acordo com Santos, o cotidiano dos grupos sociais opera baseado em três eixos: o agir técnico, o agir formal e o agir simbólico. (2004; 82). Nos dois primeiros eixos, identificamos as formas de agir impostas pela racionalidade, porém, o último eixo, o agir simbólico, é orientado pelas formas culturais de ressignificação da técnica.

A importância do lugar vem do agir simbólico que, a sua “força” está fundamentalmente baseada nas relações de afeto, emoção, que temperam a existência do indivíduo diante das forças totalizadoras hegemônicas. Segundo Sodré (1988: 19) “*a relação espacial, inapreensível pelas estruturas clássicas de ação e de representação, é inteligível como um princípio de coexistência da diversidade*”. A conjugação desses eixos é que possibilita o diálogo com o mundo exterior e a preservação das idiossincrasias da comunidade.



Usos e abusos; ressignificações de usos de aparatos digitais

“É necessário igualmente se perguntar se o desenvolvimento tecnológico, a atividade comunicacional multiforme (...) não são de fato, uma maneira de jogar mais uma vez com a proxemia do doméstico” (Maffesoli).

O virtual conectado pelo computador, os encontros marcados na praça, as idas ao shopping, as festas na comunidade, as salas de bate-papo, as mensagens de texto no celular. Essas são expressões cotidianas de jovens que, utilizando aparatos tecnológicos digitais, permanecem ligados em estado ativo de comunicação.

Todos os dias, Flávia Louzada, que tem 17 anos, não prioriza nem a sua alimentação: chega da escola e corre para o computador instalado no seu quarto e “descarrega” as imagens digitais que capturou durante o período que esteve na escola. Imagens que denunciam os momentos carregados de comunhão e divertimento que passou com seus amigos da comunidade da Candelária – estes freqüentam a mesma escola da Flávia. Ainda nem trocou o uniforme e já está debruçada em frente ao “pc” atualizando seu diário virtual. É um processo ritualizado do qual Flávia repete, sistematicamente, duas vezes (ou mais) ao dia. As “novidades” do dia precisam estar “postadas” *antes* dos amigos chegarem em casa...

Flávia utiliza dos recursos da internet para postar seu diário. Ela criou um *fotolog*²¹, o qual apelidou carinhosamente de “flogão”. No “flogão”, Flávia pode aparecer da forma que ela quiser. Flávia escolhe suas melhores “caras” e coloca as legendas mais provocadoras. Ela também não deixa de vasculhar os outros *fotologs* de amigos, ou dos “não-amigos”, para conferir a plástica de cada um e saber como passaram seu dia.

A despeito de morar bem próximo de suas melhores amigas – leia-se, literalmente, ao lado -, Flávia recorre ao *Orkut* a fim de combinar seus encontros para depois do jantar; saber se há algo de novo no universo jovem da comunidade e ainda, trocar confidências.

²¹ Um diário virtual onde o usuário pode incluir suas fotos preferidas e comenta-las, ao mesmo tempo em que pode ser colocada à consulta de outros usuários, que de igual modo, podem deixar seus comentários.



Indagada sobre a razão de se utilizar os programas de bate-papo, como o MSN²², quando esteve com os amigos há poucos momentos atrás, ou por que não utilizar o telefone, ou ainda, simplesmente ir até a casa, Flávia nos responde com certa surpresa que não esconde: “*ué? Assim posso falar aquilo que eu não tenho coragem de falar pessoalmente!*”.

Cristiane, 15 anos, amiga de Flávia, também usa celular que tem câmera e que registra a maioria das imagens do seu *photolog*. Há uma troca frenética de mensagens, torpedos, fotos, confidências. Não há nada no cotidiano das meninas que não seja passível de registro. TUDO é registrado. Um verdadeiro arquivo digital que não permite que nada se perca. Se não estiver registrado em imagem, certamente estará registrado em texto pelo celular. Ou ainda, estará exposto no mundo virtual, na forma de *blog*, para quem quiser tomar conhecimento dos fatos. Aqui, nesses espaços virtuais de convivência, não há desculpas para ser desinformado.

Constatamos no cotidiano da comunidade da Candelária que a utilização de aparatos de comunicação digital modifica profundamente as percepções de espaço, no sentido de distância percorrida, e tais *gadgets* se configuram como ferramentas imprescindíveis para viabilizar os encontros dos adolescentes, entre uma ida ao *shopping* e uma “*flaneurie*” pelos becos da favela.

Apesar das pequenas distâncias, diríamos até de proporções ínfimas, não é possível andar sem que não haja comunicação via celular... “*onde você está?*” E a resposta incontinenti: “*passando na FRENTE da sua casa*”...

Esse cotidiano comunitário, a partir da inserção desses recursos tecnológicos, adquire dinâmicas elaboradas em novas formas que agregam as práticas, objetivos e sentidos aferidos pelos jovens acerca de seus estilos de vida e das representações criadas sobre a comunidade como um lugar que lhes pertence e no qual atuam socialmente.

A utilização dos meios digitais não está restrita somente aos recursos apontados acima. Na comunidade da Candelária encontramos no universo de estabelecimentos comerciais, uma *lan house*²³ e uma locadora de dvds.

Na *lan house*, jovens de todas as idades que se interessam por games, participar de *chats*, ou ainda consultar a internet, utilizam-se do espaço que se propõe a estar a serviço da “*inclusão digital*”. É um espaço na comunidade que coloca todos aqueles

²² Programa de trocas de mensagens eletrônicas em tempo real. *Windows Live Messenger*. Pode-se “baixar” o programa pela internet, é inteiramente gratuito.

²³ Casa de jogos que ao invés de utilizar equipamentos com fichas e cartões com créditos usam computadores ligados em uma rede interna com jogos como *Unreal Tournament*, *Quake 3* e *Counter Strike*, entre outros, e cobram por hora por essa “guerrilha virtual”.



que se dizem conectados com um mundo exterior tão distante, ao mesmo tempo tão próximo. Um detalhe especial: as conexões de internet e *net* disponíveis na comunidade da Candelária são de origem clandestina.

Com quadro apresentado, destacamos a iniciativa de uma ONG criada por mulheres líderes comunitárias da Candelária: “Menina(o)s e mulheres do Morro”. Este grupo desenvolve vários projetos com turmas de jovens e, atualmente, trabalham no desenvolvimento e criação de um *blog* da instituição. Gerenciado pelos adolescentes, tem como objetivo a realização de um levantamento da memória de fundação do lugar, por meio de história oral contada pelos moradores mais antigos. Os envolvidos realizam pesquisas na comunidade, entre familiares e vizinhos, em busca de histórias e fotografias que permitam a construção e a preservação de uma narrativa histórica a partir do cotidiano. Revirando as memórias da comunidade da Candelária, esses meninas e meninos se utilizam dos aparatos tecnológicos disponíveis na “grande rede” para reafirmar a cultura local.

Pequenos acontecimentos do cotidiano e imagens da favela em diferentes registros compõem a dinâmica dos encontros dos jovens na ONG, onde se observa a aproximação do grupo com um universo lúdico, repleto de representações simbólicas que articulam o forte sentimento de pertença dos adolescentes. As “Menina(o)s e Mulheres do Morro” fortalecem os laços comunitários e reafirmam o lugar como cenário e personagem para as sociabilidades cotidianas.

À guisa de conclusão

O artigo dialogou com os conceitos de comunidade, em face da representação no imaginário dos moradores da Candelária, costurando com o conceito proposto no final do século XIX, em outro contexto histórico, pelo sociólogo alemão Ferdinand Tönnies.

Apesar das distâncias promovidas pelo tempo, acreditamos que essa aproximação com o conceito de lugar proposto pela Geografia Cultural elucida reflexões ao uso da palavra nas Ciências Sociais, pois evoca a possibilidade de localizar práticas sociais que, diante das grandes mudanças engendradas pela compressão tempo-espço, permite a valorização do lugar.

Ao mesmo tempo, nos orienta para a constatação que, os aparatos de comunicação digital podem ser utilizados como elementos de coesão e fortalecimento



dos laços comunitários. A exemplo dos adolescentes moradores da comunidade da Candelária, percebemos que a construção de *photoblogs*, *blogs*, participação em *chats*, criação de comunidades virtuais, etc. podem ser amplamente utilizados como elementos fortalecedores das identidades locais, aliadas à preservação da memória do lugar de viver.

No decorrer da nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de constatar que a transdisciplinaridade do trabalho de investigação é pontual. Quando recorremos à Geografia Cultural para identificarmos a noção de lugar e dialogamos com o conceito clássico de comunidade, adotado pelas Ciências Sociais, permitiu-nos enveredar por outros caminhos que pudessem dar conta dos problemas de pesquisa.

Enfim, ao buscarmos noções em outras disciplinas, concluímos que o campo de estudo das Ciências Humanas e Sociais é amplo e inesgotável em suas possibilidades de respostas à problemática da realidade, principalmente quando nos propomos a investigar a ação cultural dos sujeitos em um território materializado. Portanto, torna-se um grande desafio àqueles que se propõem a dissecá-lo.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Paris, capital do século XIX*. In, KOTHE, Flávio R. (Org.) *Walter Benjamin*. 2ª ed. São Paulo: Ática Editora, 1991.
- BOURDIN, Alain. *A questão local*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Nobel, 1993.
- _____. *Culturas extremas. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2ª ed. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Coleção Rumos da Cultura Moderna, V. 52.



- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 10ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CORREA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. 2ª ed. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2002.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp.
- FERREIRA, Luiz Felipe. *Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo*. In, Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, nº 9. Jul – dez 2000. P 65-83.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HAVEY, David. *Condição pós-moderna*. 11ª ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Estela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século. Cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis. Uma reflexão em busca de auto-estima*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. Coleção Metópoles.
- MAIA, João Luis de Araújo. KRAPP, Juliana. *Comunicação e Comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas*. In, FREITAS, Ricardo Ferreira (Org.). *Destinos da Cidade. Comunicação, Arte e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. P. 31 – 45.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4ª ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura urbana no Rio de Janeiro*. In FERREIRA, Marieta de Moraes. (coordenadora) *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. P. 139-149.
- PARK, Robert E. BURGESS, Ernest W. *The city. Suggestions for investigation of human behavior in the urban environment*. The University of Chicago Press, 1984.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.
- _____. *História e História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *A cidade na História*. In, MATTOS, Ilmar Rohloff de. (Org.). *Ler e escrever para documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access Editra. P. 33-68, 1998.
- SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: EdUSP, 2004 .



SEVCENKO, Nicolau . *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983 .

SODRÉ, Muniz . *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 1988 .

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidade e Sociedade com entidades típico-ideais*. In, FERNANDES, Florestan. (Org.). *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: EdUsp, 1973.

TUAN, Yi-Fu . *Espaço e lugar*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura. Usos da cultura na era global. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZALUAR, Alba. ALVITO, Marcos (Org.). *Introdução*. In, _____ . *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 7-24.